

Doutrina para crianças de Ramon Llull: um tratado medieval para a educação de crianças (1274-1276)

Jéssica Aparecida Ramos

Suelem Halim Nardo de Carvalho

Resumo: Em nosso trabalho analisamos a obra Doutrina Para Crianças (1274-1276), de Ramon Llull (1232-1316), o que nos possibilitou o entendimento de uma concepção sobre educação infantil durante a Idade Média pouco reconhecida na historiografia que trata do tema. Ao contrário do que comumente aparece em alguns livros de história sobre Idade Média, ao nos debruçarmos sobre o contexto histórico que deu origem a obra de Ramon Llull, percebemos uma sociedade preocupada com a educação voltada para as crianças. Nesse sentido, nossa pesquisa evidenciou algumas contradições teóricas presentes em produções acadêmicas que tratam o período medieval como uma época obscurantista e avessa a ideia de uma educação especialmente pensada para as crianças.

Palavras-chave: Ramon Llull. Educação medieval. Infância na Idade média.

Abstract: In our work we analyze the book Doctrine for Children (1274-1276), by Ramon Llull (1232-1316), which enabled us to understand a conception about early childhood education during the Middle Ages that is little recognized in the historiography that deals with the theme. As we look at the historical context that gave rise to the work of Ramon Llull - contrary to what is commonly found in some Middle Ages history books - we see a society concerned with education focused on children. In this sense, our research evidenced some theoretical contradictions present in academic productions that treat the medieval period as an obscurantist epoch and averse the idea of an education specially designed for children.

Keywords: Ramon Llull. Medieval education. Childhood in the Middle Ages.

Introdução

O tema educação na Idade Média, geralmente, é alvo de algum preconceito, já que o período medieval (V-XV) é tradicionalmente considerado como um período culturalmente pobre. Algumas literaturas, que influenciaram e continuam influenciando a formação do imaginário popular, limitam a Idade Média a uma simples etapa de transição da Antiguidade para a Idade Moderna; como se todos esses anos (os mil anos que vão do século V até o XV) representassem um intervalo

de tempo entre a cultura clássica e o advento do Iluminismo - o marco da racionalidade e iluminação das produções humanas.

Segundo Christopher Knight e Robert Lomas, no livro *Second Messiah* (2001),

O estabelecimento da era cristã romanizada marcou o começo da Idade das Trevas, esse período da história ocidental em que se apagaram todas as luzes do conhecimento e a superstição substituiu o saber. Esse período durou até que o poder da Igreja Católica foi minado pela Reforma. [durante a Idade Média] Desprezou-se tudo o que era bom e verdadeiro e ignoraram-se todos os ramos do conhecimento humano em nome de Jesus Cristo (KNIGHT e LOMAS, 2001, p. 70 e 71 apud WOODS, 2012, p. 7).

Afirmações como essas acima contradizem anos de pesquisas sobre a Idade Média, mas, de qualquer forma, muitos autores ainda repetem essas ideias.

[...] a maioria das pessoas acredita que os mil anos anteriores à Renascença foram um período de ignorância e de repressão intelectual, em que não havia um debate vigoroso de ideias nem um intercâmbio intelectual criativo, e em que se exigia implacavelmente uma estrita submissão aos dogmas (WOODS, 2012, p. 6).

Segundo Costa e Santos (2015) tal imagem, de que a Idade Média seria uma época obscura, irracional e permeada pela ignorância, surgiu no século XVIII, na esteira do Iluminismo, movimento cultural típico da modernidade. Tal visão é fundamentada em preconceitos que desconsideram a riqueza e complexidade da cultura medieval.

Règine Pernoud (1997) nos mostra que, longe de ser uma época obscurantista, as crenças e convicções da época medieval estavam ancoradas em razões práticas e muito racionalistas. Nessa direção, a crítica iluminista de que a sociedade medieval baseava-se em uma fé ingênua e sem sentido solidamente prático, não é realista.

[...] Parece pelo contrário, que a religião, tal como era então compreendida, se preocupava tanto com a inteligência quanto com o coração que se deixou de nela aprofundar os diferentes aspectos. Não há aí vestígio de “ingenuidade” [...] do povo que saíam aqueles monges e aqueles estudantes apaixonados pela dialética e pela teologia. É o povo que lança, nos fabulados, os seus ataques contra as riquezas do clero e que, também, partia para a cruzada e construía as catedrais. Não se cometa, entregando-se a voz dos

pregadores, um ato irrefletido, de pura obediência (PERNOUD, 1997, p. 91).

A Idade Média amava tudo o que era um sinal visível daquilo que era invisível, por isso, tinha tanto apreço pelo simbolismo. A força da fé medieval não foi o medo, mas sim o amor. No centro da concepção de mundo medieval havia um sólido otimismo. Segundo Costa e Santos (2015) a teologia medieval alargava os horizontes e explicava o poder de Deus sem perder de vista a razão.

[...] primeira forma do filosofar se encontra na obra de S. Tomás de Aquino no século XIII, século de “ouro” da Idade Média, justamente por causa das grandes sínteses entre filosofia e teologia. A teologia filosófica de Tomás de Aquino compõe-se harmonicamente com a teologia revelada ou sacra doutrina. A síntese entre razão e fé (COSTA; SANTOS, 2015, p. 40).

Longe de ser um período de trevas, “É um fato comprovado que uma das mais importantes contribuições medievais para a ciência moderna foi a liberdade de pesquisa no mundo universitário, onde os acadêmicos podiam debater e discutir as proposições apoiados na certeza da utilidade da razão humana” (WOODS, 2012, p. 61). Os professores buscavam desenvolver nos alunos a capacidade de formularem argumentos. Essa é uma das características principais do movimento que surgiu nesse momento histórico, a Escolástica, que é definida por alguns como um método, por outros como um pensamento, mas que, em suma, utilizava-se da razão como ferramenta dos estudos.

Como mostraremos a seguir, em nosso trabalho nós nos aproximamos de pesquisadores que acreditam que essa visão iluminista é preconceituosa e ignora aspectos fundamentais do período medieval que compuseram a base da nossa sociedade atual.

Segundo Woods (2012) mesmo que diversas pesquisas realizadas tenham comprovado que o período medieval não foi intelectualmente e/ou culturalmente vazio, mas, pelo contrário, permeado pela exaltação do saber e do intelecto (fato este que possibilitou o desenvolvimento de um sistema universitário que perdura até os dias atuais), ainda assim, acredita-se no mito de que a Igreja ocidental não fez nada além de impor métodos de tortura e de repressão aos seus fiéis. Entretanto, em maior ou menor grau, a tradição monástica e sua importante contribuição para a construção da civilização ocidental vêm sendo reconhecida no mundo todo.

Um justo reconhecimento já que os monges preservaram a herança literária do mundo antigo e interviram significativamente para o progresso da ciência na civilização ocidental. No contexto das invasões bárbaras, por exemplo, com as destruições de bibliotecas e outras heranças culturais, a Igreja exerceu ação fundamental para que houvesse a preservação dos manuscritos nos mosteiros escondidos no interior da Europa. Thomas Woods (2012) afirma que os monges se dedicavam a copiar livros e mais livros para manter viva a memória cultural e intelectual da humanidade; para que as próximas civilizações pudessem usufruir de todo o desenvolvimento até ali alcançado. Os monges copistas tinham um grande acervo de cópias em suas bibliotecas que preservava a história do mundo antigo. Portanto, a intervenção da Igreja na cultura ocidental foi no sentido de dar os subsídios necessários para a continuidade e evolução do conhecimento humano.

A igreja Católica configurou a civilização que vivemos e o nosso perfil humano de muitas maneiras além das que costumamos ter presentes. Por isso insistimos em que ela foi o construtor indispensável da civilização ocidental. Não só trabalhou para reverter aspectos moralmente repugnantes do mundo antigo – como o infanticídio e os combates de gladiadores –, mas restaurou e promoveu a civilização depois da queda de Roma (WOODS, 2012, p. 11).

A determinação dos bispos, monges, padres e estudiosos católicos europeus, recuperou o saber depois do declínio do império carolíngio. Os mosteiros preservaram a vida intelectual, pois os monges buscavam a erudição e a cultura, mas, impulsionaram também as artes práticas. Além disso, recuperaram a agricultura europeia, e o trabalho manual ganhou um papel central na vida monástica. Woods (2012) explica que “Aonde quer que tenham ido, os monges introduziram plantações, indústrias ou métodos de produção desconhecidos do povo” (p. 31). E o mais importante de tudo: a Igreja preservou a ideia de um universo racional e naturalmente ordenado, pensamento este indispensável para o progresso científico e que escapou a civilizações inteiras, que, por não acreditarem nessa verdade, não conseguiram desenvolver-se cientificamente na mesma proporção que o Ocidente.

De acordo com Mises (2010, p. 57) a história é um conjunto sistemático e organizado de dados das ações humanas, que lida “com o conteúdo concreto da ação humana”. Se quisermos compreender o sentido das transformações históricas, devemos voltar nossa investigação para “os esforços humanos na sua infinita variedade e multiplicidade, e todas as ações individuais com todas as suas implicações acidentais, especiais ou particulares”, levando em conta que a história é sempre “por um lado, história geral e, por outro, a história de vários segmentos mais específicos”.

E para conduzir nossa pesquisa no sentido de valorizar as ações do homem (específicas) perante seu contexto histórico (história geral), utilizamos principalmente os estudos de Règine Pernoud (1997), os trabalhos de Ricardo da Costa (2002 e 2018) e as análises de Thomas Woods (2012), que, ao entenderem as peculiaridades do período medieval, explicitam as complexidades e riquezas culturais desse período.

Para responder à questão, sobre quais as referências e conceitos filosóficos presentes na obra de Ramon Llull, que nos auxiliam na compreensão da noção de educação para crianças na Idade Média, o trabalho divide-se em três partes: na primeira, contextualizamos historicamente o período medieval; na segunda, traçamos um esboço do conceito de infância para a época; e na terceira, tentamos evidenciar as noções básicas sobre educação na Idade Média.

Contexto histórico medieval

Segundo Pernoud (1997) não é correto segmentar a sociedade medieval em apenas três ordens fechadas: clero, nobreza e terceiro estado, pois, dessa maneira, é impossível considerar a complexidade característica da organização social da Idade Média. Sobretudo, é um grande equívoco dividir a sociedade medieval entre classe privilegiada e classe não privilegiada:

Para compreender bem a sociedade medieval, é necessário estudar sua organização familiar. Aí se encontra a “chave” da Idade Média e também sua originalidade. Todas as relações, nessa época, se estabelecem sobre a estrutura familiar (PERNOUD, 1997, p. 14).

A sociedade medieval não se fundamenta sobre uma base de interesses econômicos. Pelo contrário, ela toma por base a relação de confiança entre os homens; não há, na maior parte dos casos, um sistema de remuneração ou recompensa, mas, uma troca de compromissos e de fidelidades (PERNOUD, 1997, p. 27).

Para Pernoud, a Idade Média caracterizou-se como uma época histórica complexa, portanto, a tradicional divisão da sociedade em classes não se aplica neste caso. A autora entende que “O espírito de grupo é, com efeito, mais potente aqui do que poderia ser em qualquer outro agrupamento [social], já que se funda sobre os laços inegáveis do parentesco pelo sangue e se apoia sobre uma comunidade de interesses não menos visível e evidente” (PERNOUD, 1997, p. 17).

As simplificações e generalizações conceituais sobre a Idade Média muitas vezes implicam em um prejuízo do real significado do período. Para Costa e Santos (2015) a característica central do período medieval é a pluralidade e a complexidade de suas ideias e de sua cultura:

Essa profunda revisão do modelo tradicional de compreender a Idade Média implica a abertura de um espaço histórico de policentrismo cultural donde encontramos a ideia da complexidade das raízes filosóficas que despontaram, por exemplo, no século XII e XIII. Uma história da Filosofia Medieval autêntica não pode ignorar a pluralidade das racionalidades religiosas e filosóficas, nem tampouco pode privilegiar nenhuma delas. (COSTA; SANTOS, 2015, p. 39)

Partindo do pressuposto de que, a manutenção dos laços familiares são os interesses dominantes e baseiam o funcionamento da sociedade medieval, encontramos na obra *Doutrina para crianças*, um belo modelo de dedicação parental, uma vez que Ramon Llull a escreveu para seu filho, Domingos.

Ramon Llull dedica o escrito em questão ao seu filho Domingos, e, em sua obra dá diretrizes ao filho de como deve ser o tratamento e a educação de crianças. Pernoud (1997) afirma que, em todo o período medieval os vínculos se criavam de indivíduo para indivíduo e havia horror à abstração e ao anonimato. Nessa direção, ao ensinar seu filho, dando à obra um caráter personalista, Llull orientava os pais e tutores de modo geral. Cada detalhe de sua obra tinha um sentido próprio, é o que nos chama a atenção em suas composições, pois, elas eram carregadas de conhecimento e aperfeiçoadas cada vez que o autor as repensava. Ele buscava a

perfeição em sua arte e, por isso, foi um exemplo notável de intelectual. Levando esses aspectos em consideração, analisar a educação medieval exige ao menos entender um pouco esse sábio que foi Ramon Llull.

O marco temporal, usado pela historiografia para definir o período medieval, transcorre os séculos V à XV. Por ser uma época extensa, foi dividida em três períodos, a Alta Idade Média (séculos V ao X); a Idade Média Central (séculos XI ao XIII) e a Baixa Idade Média (séculos XIV e XV).

Como destacado em nossa introdução, o período medieval é alvo de muitos pré-julgamentos. A própria expressão Idade Média já traz, em si, um preconceito, um sentido pejorativo, pois, qualifica o período como intermediário, interposto, do que se encontra em seus polos; como se esta época não contivesse um sentido em si mesmo, mas no que se encontra às suas margens.

Segundo Costa e Santos (2015) essa designação, Idade Média, não surgiu durante o período medieval, mas foi aplicada posteriormente, pelo movimento Renascentista¹, tomado por um profundo preconceito em relação à Igreja e a sua influência cultural na sociedade.

Também o historiador Jacques Verger trata dos preconceitos e distorções interpretativas renascentistas sobre o período medieval:

Esse aspecto utilitarista da cultura erudita nos últimos séculos da Idade Média, que lhe fez muitas vezes privilegiar, por preocupação com a eficácia social, os procedimentos concretos e técnicos às expensas da curiosidade de espírito e da elegância intelectual, certamente alimentou mal entendidos que a opuseram, em breve, aos humanistas da Renascença. Mesmo que não se partilhe dos preconceitos destes, o historiador moderno mantém-se tentado a imputar a essa concepção dos saberes a insuficiência do senso crítico e a efetiva ausência de espírito de investigação, que aparecem, pelo menos retrospectivamente, como traços maiores da cultura erudita dessa época. Trata-se, de fato, de um fragmento muito genérico ao qual se poderia opor múltiplos indícios de um certo sentido de progresso intelectual, perceptível em diversos autores (VERGER, 1997, p. 57).

¹ Movimento Cultural europeu dos séculos XV e XVI.

Os intelectuais renascentistas deram ao seu movimento cultural o termo Renascimento porque acreditavam que suas obras culturais expressavam um resgate da cultura clássica que havia sido obscurecida por séculos de hegemonia cultural exercida pela Igreja.

O desejo de vencer o monopólio cultural por tantos séculos exercido pela Igreja fez com que as ideias difundidas pelos renascentistas fossem totalmente avessas ao que realmente acontecia durante a Idade Média. Ao contrário do que o Renascimento propagou, uma das características mais marcantes da cultura cristã é a importância dada à conservação e preservação da arte, tanto da literatura, quanto de qualquer outra produção humana (WOODS, 2012, p. 110).

Ainda de acordo com Woods (2012), a Igreja contribuiu para o desenvolvimento de várias ciências, como a matemática, ao aceitar a ideia fundamental de que o mundo é ordenado e todas as coisas devem se desenvolver mantendo a ordem naturalmente estabelecida por Deus; contribuiu para o surgimento do direito civil ao reprovar ações violentas que destruíam o homem e o afastavam do bem; estabeleceu um sentimento de preservação do conhecimento e da importância de sua perpetuação para o desenvolvimento da sabedoria.

Segundo Règine Pernoud (1997) essas mudanças sobre a percepção da importância da tradição cristã para a cultura ocidental, que aconteceram a partir do movimento renascentista, foram devidas ao enfraquecimento do poder das famílias, que geraram mudanças e acabaram derrubando a estrutura medieval de sociedade.

Sobre a estrutura de poder na Idade Média, Pernoud (1997) explicou que a autoridade não estava concentrada em um só segmento social “[...] a autoridade, em lugar de estar concentrada num só ponto – indivíduo ou organismo –, encontra-se repartida pelo conjunto do território” (PERNOUD, 1997, p. 29). Uma estrutura de poder diferente foi estabelecida com o advento do Renascimento e o aparecimento do Estado moderno, que, ao monopolizar o poder e a autoridade sobre um só segmento (Estado), desmantelou o sentido e o sentimento que mantinha os homens unidos durante toda a Idade Média: os laços de suserania a vassalagem.

Foi justamente por conta desse modelo de estrutura de poder descentralizado que a Igreja, durante a Idade Média, tinha um papel tão importante na sociedade. “Este poder fundiário do clero resulta simultaneamente de fatos econômicos e sociais e da mentalidade geral da época em que a necessidade de uma unidade moral compensa a descentralização” (PERNOUD, 1997, p. 82 e 83).

De início, a Idade Média sofreu grandes influências da filosofia Patrística² e do encontro de culturas ocasionado pelas invasões bárbaras³. Do antigo império romano e das culturas bárbaras, nasceu um novo modo de organização social, que conhecemos como Idade Média. Segundo Costa e Santos (2015) esse impacto entre diversas culturas tornou essa época especialmente plural. Também o historiador Jacques Heers, em seu livro *História Medieval* (1981), enfatiza a pluralidade típica do período medieval.

É preciso levar em conta, na configuração da filosofia medieval, o aparecimento histórico de um multiculturalismo, cujos polos foram as grandes civilizações que sucederam à civilização antiga e floresceram do século VI ao século XV, a bizantina, a islâmica, a latino-ocidental e a tradição cultural judaica abrigada sobretudo em terras do Islã (HEERS, 1981, p. 38)

Também sobre a pluralidade típica da Idade Média, Alain de Libera, em sua obra *A Filosofia Medieval* (1993), afirmou que,

A duração contínua, o referencial único em que o historiador da filosofia inscreve a sucessão das doutrinas e das trajetórias individuais que, a seus olhos, compõem uma história, a 'história da filosofia medieval', não existem. São várias as durações: uma duração latina, uma grega, uma árabo muçulmana, uma judaica [...] O historiador deve partir da existência da pluralidade: pluralidade de culturas, de religiões, de línguas, de centros de estudo e de produção dos saberes. Filosoficamente, o mundo medieval não tem centro (LIBERA, 1993, p. 7 e 8 apud COSTA; SANTOS, 2015, p. 38.).

Essa versatilidade é o que torna a Idade Média única em relação aos demais períodos da história. Os movimentos e as ideias se modificam de região para região o que torna a análise do período um tanto quanto desafiadora. Apesar disso, é possível identificar um elemento unificante da cultura medieval: o apreço pela memória e pela preservação da história humana (COSTA, 2007, p. 4).

Quanto à riqueza cultural da Idade Média, Pernoud (1997) afirma que, as produções medievais possuíam a melhor noção de tempo e de espaço e carregavam em si uma vivacidade sem comparações, ligadas a sua época e as

² Patrística é o nome dado à filosofia cristã dos três primeiros séculos da Era Cristã, elaborada pelos chamados "pais da Igreja", os primeiros teóricos.

³ Série de emigrações de povos vizinhos da Europa, não romanizados, a partir do século III.

realidades da vida quotidiana. A iconografia, por exemplo, profundamente enraizada na Idade Média, traz perspectivas por vezes ignoradas, pois nossos olhos estão acostumados com o simplismo (1997, p. 152). A autora explica que o simbolismo tinha um peso enorme nas produções da época, que eram carregadas de significados e detalhes.

A arte na Idade Média adquiria um caráter sintético, uma multiplicidade de elementos sabiamente subordinados uns aos outros. Sua força vinha da ordem que presidia à sua realização, como se fosse à recompensa de um longo período que exigia demasiada paciência. O artista obedecia a ordens exteriores, não era uma arte pela arte, pois, tinha que haver (e havia) uma grande preocupação com a razão das criações (PERNOUD, 1997, p. 144).

Um dos temas universais e mais discutidos desse período é Deus. Essa época bebeu na sua fé a mais pura fonte de toda a poesia. O pensamento de Deus não se separava da poesia. O poeta pensava como cristão, sendo a Igreja uma das fontes mais inspiradoras para seus pensamentos. Foi a Igreja que deu origem ao teatro, aos jograis, lendas e edificou grandes narrações (PERNOUD, 1997, p. 137).

Mas, apesar disso, Costa e Santos (2015) definem que, mesmo que essa raiz teológica seja demasiado forte, a filosofia medieval não é, em tese, a história da filosofia cristã, mas, sim, da filosofia pagã. Assumir a interpretação da Idade Média olhando apenas sua história no mundo ocidental e católico é deixar de lado e ignorar o multiculturalismo presente em cada produção da época.

Pernoud (1997, p.199) relata que, durante a Idade Média, havia um grande apreço pela tradição e pelos costumes, mas, também pelas descobertas empíricas, onde os princípios se adaptam às condições, “Na sua filosofia, na sua arquitetura, na sua maneira de viver, jorra por toda parte uma alegria de existir [...] Idade Média, época em que se soube, mais do que em nenhuma outra, apreciar as coisas simples e sãs e alegres”. Além disso, sendo uma época que exaltava o conhecimento, “[...] o essencial, para eles, não era a exatidão do pormenor, mas a verdade do conjunto e da lição a tirar” (PERNOUD, 1997, p. 157).

Por meio de suas intuições os sábios da Idade Média buscavam responder a grande questão de seu tempo: o que é a verdade? Para isso, utilizavam todos os materiais e todo o conhecimento que lhes era disposto. Os estudos eram tomados pela lógica e pelas técnicas, além de serem fundamentalmente baseados na razão

humana. Essa base rigorosa fez surgir os moldes da ciência medieval e o compromisso com a razão fez nascer um espírito de pesquisa.

A partir do estudo dos autores acima destacados, é possível depreender que a Idade Média, longe de ser uma época de ignorância e superstição, foi um período histórico de grande riqueza cultural e intelectual. Acreditamos que desprezar a tradição medieval, negando seu caráter fundador da nossa civilização, é agir de modo pouco inteligente.

A nossa convicção é de que a Idade Média abriga verdadeiros tesouros e a obra de Ramon Llull *Doutrina Para Crianças* é um deles. Pois, em consonância com sua época, Ramon Llull compôs na essência a sabedoria medieval, uma vez que cada parte de suas obras evocavam inúmeros sentidos e guardavam muitos significados (COSTA; SANTOS, 2015, p. 224).

A infância medieval

Nós acreditamos que as experiências humanas durante a Idade Média foram complexas e devem ser entendidas em suas singularidades. Acreditamos também que uma interpretação culturalista sobre a infância na Idade Média não nos daria um ferramental filosófico adequado para a análise da obra *Doutrina Para crianças*.

Sobre a interpretação culturalista, é convicção de Gélis (2009)⁴ que o sentimento de infância é fruto de uma construção social própria de meados do século XVI. Essa concepção histórica não admite o sentido de infância presente no livro *Doutrina Para Crianças* por nós analisado.

Nossa pesquisa está ancorada na premissa de que para entendermos a infância e a educação infantil da época medieval é necessário que entendamos a importância da Igreja Católica como instituição civilizatória para aquele momento histórico. Para entender a obra *Doutrina para crianças* faz-se necessária a

⁴ Convicção presente no livro *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes* (2009), organizado por Philippe Ariès e Georges Duby, historiadores medievalistas que se consagraram com suas análises culturais da história e que influenciam a ideia composta por Gélis no capítulo *A individualização da criança*.

compreensão do pensamento que se tinha sobre criança. A interpretação mais comum é a de que a Idade Média não comportava uma compreensão de infância; de que neste período as crianças eram vistas e tratadas como “mini-adultos”. Porém nossa análise da obra mostra-nos que existia, sim, um tratamento especial para as crianças no que dizia respeito à educação e ao ensino.

A educação é acostumar o outro ao hábito mais próprio à obra natural. Pois assim como a natureza segue seu corpo e não se desvia de sua obra, as crianças, no princípio, se acostumam à boa educação ou à má [...] Amável filho, ao homem deve ser muito caro seu filho. Por isso, o homem não deve ser negligente com seu filho para que veja e perceba em qual educação ele se habitua e se inclina [...] No princípio quando a criança nasce, até que tenha recebido a força e o calor natural, deve ser alimentada somente com leite, pois não lhe convém outra comida, porque o calor natural não se encontra em sua força e não pode digerir a comida [...] Quando a criança está tão grande que anda, corre e joga, o homem deve lhe dar de comer de acordo com o que ela quer [...] O homem que deseja educar bem seu filho não deve ter em sua casa um homem mal educado, para que seu filho não receba má educação. E a senhora que deixa sua filha quando sai de casa, deveria ficar com ela (LLULL, 2010, p. 79-80).

Esse trecho da obra de Llull comprova que, de fato, havia uma preocupação com as crianças durante o período medieval e que elas não eram vistas como adultos em miniatura. Muito pelo contrário, existia um cuidado especial para com elas.

Atendendo às necessidades das sociedades que evangelizavam, os padres e monges tornavam-se pioneiros e educadores e contribuía para o progresso material e moral dessa sociedade. A influência da doutrina da Igreja nas ações humanas chama atenção, pois, ao modificar a cultura bárbara, ela instituiu novos modos de tratamento às crianças.

Segundo Costa (2002), a ideia de que a Idade Média foi um tempo hostil e preconceituoso para com as crianças é resultado de uma interpretação culturalista, muito forte na História. Jacques Le Goff (1984) e Philippe Ariès (1960) teriam sido os principais propagadores dessa visão que nega a existência de um tratamento específico para crianças no período medieval. Jacques Le Goff, em uma de suas

obras, até mesmo se perguntou: “teria havido crianças no Ocidente Medieval?” (1984 apud COSTA, 2002, s/p).

Costa (2002) explica que Jacques Le Goff (1984), seguindo os passos deixados por Philippe Ariès (1960), buscou a criança no período medieval por meio da arte e não a encontrou, desse modo rapidamente concluiu que “[...] a criança foi um produto da cidade e da burguesia e, portanto, o mundo rural não a conheceu. Pior: a conheceu sim, mas a desprezou, marginalizando-a” (COSTA, 2002, p. 13). Para Le Goff (1999, p. 84 apud COSTA 2016, p. 309) a criança não teve fundamentalmente valor na Idade Média.

Buscando mostrar outra visão (diferente da visão culturalista) sobre a criança na Idade Média e utilizando a obra *Doutrina Para Crianças*, de Ramon Llull, Costa se mostrou especialmente atento às demandas e limitações que acompanhavam a vida de uma criança medieval.

Seguindo a tradição cristã, Llull ensina a seu filho, por meio da arte da retórica e da dialética (de uma forma mais simples), mostrando-nos um método pedagógico próprio para as crianças. “A tradição cristã abriu, portanto, uma nova perspectiva à criança, uma mudança revolucionária” (COSTA, 2002, p. 20) e deu aos pequenos um espaço na sociedade que antes, na Antiguidade, era um tanto quanto restrito. O modo como o Ramon Llull expõe os conhecimentos ao seu filho abre-nos uma oportunidade de analisar a sua concepção de infância.

Contrastando com as ideias do eminente historiador francês sobre a infância na Idade Média, nos depararmos com os escritos de Llull e notamos que ele tratava seu filho de maneira afetuosa e compreensiva, demonstrando esse sentimento em suas palavras ao se dirigir ao seu, “Amável filho, a ti convém considerar e pensar todas as coisas acima ditas, de tal modo que faças neste mundo obras que sejam agradáveis aos santos de glória e ao teu Deus” (LLULL, 2010, p. 8).

Outro aspecto importante que pudemos notar na análise da obra *Doutrina Para Crianças* é que a linguagem utilizada por Llull é de fácil compreensão, ou seja, o modo como escreve foi voltado a um universo imaginário infantilizado, onde a narrativa é mais simples, para melhor entendimento por parte da criança.

A obra de Llull demonstra uma ciência de caráter folclórico, que segundo Pernoud (1997) é uma característica dessa época, que se contrapõe com nossa visão mais técnica. Não é por ignorância, mas, as produções são permeadas pela imaginação e pela observação. Deve-se procurar um sentido oculto das coisas, há

uma natureza de símbolos que “Coloca no mesmo plano a verdade histórica e a verdade moral” (PERNOUD, 1997, p. 156).

Ramon Llull além de compor seus estudos por meio de discussões circulares enriquecia-os com comparações e discutia questões centrais da sua civilização utilizando metáforas; ele também contava com a utilização de figuras e pinturas em suas explicações. Essas características marcantes do autor nos levam a entender e compreender o porquê seu método pode ser considerado um método pedagógico. Ao fazer uso de metáforas, desenhos e explicações de questões tão importantes e complexas (como o sentido da existência humana), notamos um esforço para a síntese de conteúdos e para simplificação do vocabulário.

Por meio de nossos estudos formamos uma impressão sobre educação infantil medieval alinhada com a postura do professor Ricardo de Costa, que tem afirmado em seus trabalhos a ideia de que as crianças, durante a Idade Média, em geral, eram reconhecidas em suas especificidades e tratadas com dedicação e cuidado pelos adultos.

Sobre a dignidade que a criança ganhou no período medieval em comparação com o mundo Antigo, Pernoud (1997) explicou que a sociedade antiga era composta por indivíduos (pode-se estudar a antiguidade sob a forma de biografias individuais) e a sociedade medieval era composta por famílias, por isso a visão sobre a criança se modificou no tempo.

A criança é de resto na Antiguidade a grande sacrificada: é um objeto cuja vida depende do juízo ou do capricho paternal; está submetido a todas as eventualidades da troca ou da adoção, e, quando o direito de vida lhe é acordado, permanece sob a autoridade do *pater familias* até a morte deste (PERNOUD, 1997, p. 15).

O modo como se organizou e se construiu essa visão nova sobre família integrou a criança dando-lhe um papel de importância. A família da Idade Média possuía a base material e moral e as liberdades necessárias à valorização da existência da infância (PERNOUD, 1997, p. 26).

Ainda segundo Pernoud (1997), a Igreja Católica se preocupava tanto com a inteligência quanto com o coração das pessoas, por isso levava em conta a natureza humana e buscava fortalecer a noção de dignidade do homem. Nela se aprofundaram diferentes aspectos quanto ao respeito ao próximo, não há aí vestígio de “ingenuidade” na crença e na fé das pessoas (PERNOUD, 1997, p. 91).

A força da fé medieval não foi o medo, mas sim o amor. No centro da concepção de mundo medieval tem-se um sólido otimismo. “[...] princípio de que o mundo está bem feito, que se o pecado perde o homem, a redenção o salva, e que nada, sofrimento ou alegria, acontece, que não seja para seu bem, de que ele não possa tirar ensinamento e vantagem” (PERNOUD, 1997, p. 93).

A educação das crianças na Idade Média

Segundo Verger (1997), durante a Idade Média, a formação elementar da criança, ou seja, o aprendizado da leitura e da escrita, acontecia em casa com a ajuda dos pais ou com professores particulares, para os que dispunham de tal condição. Aos que não podiam arcar com esses gastos lhes eram oferecidas aulas nas escolas latinas (antigas escolas episcopais que se tornaram abertas ao público geral, não somente aos que mais tarde se formariam padres), onde todos poderiam aprender a ler e escrever.

[...] a escola na Idade Média como em qualquer outra época, era a princípio o local de aprendizagem de saberes. Lá eram inculcados segundo preceitos pedagógicos característicos da época, ao mesmo tempo, os conhecimentos e métodos de raciocínio e de trabalho que construiriam para cada um o essencial da bagagem intelectual de que se disporia até o fim da vida. Mas a escola era bem mais do que isso, ainda que na Idade Média ela não tenha pretendido tanto quanto em outros séculos tomar a totalidade da formação social, moral e religiosa dos indivíduos. Aprendia-se ali a se comportar a afirmar sua personalidade e a avaliar os outros sempre se curvando a uma disciplina coletiva (VERGER, 1997, p. 70).

De acordo com Pernoud (1997), durante a Idade Média, a criança era admitida na escola com sete ou oito anos de idade. A educação era ofertada pela Igreja e podia ser frequentada por crianças das mais diversas classes sociais. Durante o período medieval não havia a obrigatoriedade de se frequentar escolas. Como sabemos, a obrigatoriedade escolar é recente, criada com bases em pensamentos políticos modernos.

No período conhecido como Renascimento Carolíngio (século VIII) havia uma concepção de educação que abrangia todos os tipos de população, dos camponeses aos imperadores e buscava estabelecer um sentido de educação

universal que pudesse contribuir para o fortalecimento da cultura e da civilização (COSTA; SANTOS, 2015, p. 166). A Renascença carolíngia incentivou a educação e a arte, inspirando-se nos modelos da antiga Roma, nos quais se descobriram as sete artes liberais: *trivium* (composto pela Gramática, a Dialética e a Retórica) e *quadrivium* (composto pela Aritmética, Geometria, Música e Astronomia). Além de ensinar a doutrina da Igreja, Llull aborda em seu livro questões sobre as Sete Artes Liberais.

Depois da morte de Carlos Magno a educação ficou, basicamente, sob a responsabilidade da Igreja, a única instituição que sobreviveu às constantes invasões bárbaras. A determinação dos bispos, monges, padres e estudiosos católicos europeus, recuperou o saber depois do declínio do império carolíngio e os mosteiros preservaram a vida intelectual. Além de preservarem a leitura e a escrita, os monges tinham muito cuidado em manter a educação. Não apenas fundaram a escola, mas deram as bases para a fundação das universidades (WOODS, 2012, p. 44).

Segundo Woods (2012) mesmo que a maior parte da educação oferecida pelos monges fosse dada aos que mais tarde fariam votos monásticos, as escolas formadas nas catedrais do império de Carlos Magno fomentaram a educação por toda a Europa ocidental. Os monges preservaram a herança literária do mundo antigo e intervíram significativamente no progresso educacional.

Segundo Costa e Santos (2015), Llull redigiu sua obra na Idade Média central, um período marcado pelo interesse por obras clássicas e pela grande valorização das produções escritas. Os autores da escolástica redigiam seus textos tornando-os cada vez mais especulativos. Nesse momento, os homens se importam com uma sólida formação nas artes liberais e atribuem grande importância às letras, as literaturas, aos manuscritos e à memória, com o intuito de preservarem o conhecimento.

Alguns conceitos presentes na obra *Doutrina Para Crianças* evidenciam uma concepção de educação para crianças durante a Idade Média pautada em um método pedagógico que conciliava a fé e a razão e buscava de forma incansável por explicações racionais quanto aos acontecimentos, crenças e valores espirituais - ideia central nos estudos da escolástica.

Durante a Idade Média os estudos estavam voltados, sobretudo, para a salvação das almas e Llull organizou seu livro de modo que seu filho fosse capaz de alcançar a salvação.

Na primeira parte de seu livro, Llull explica a Domingos sobre a Trindade, a criação, a recriação, a Glória, a concepção, a natividade, a paixão, o inferno, a ressurreição, a ascensão e o juízo de Deus.

Na segunda parte ele explica todos os 10 mandamentos da Lei de Deus. Depois segue explicando sobre os sete sacramentos da santa Igreja; os sete dons do Espírito Santo; mais a frente as oito bem aventuranças; os sete gozos de Nossa Senhora; as sete virtudes para caminhar rumo à salvação; os sete pecados morais que levam à perdição; as leis (lei da natureza, lei velha, lei nova, de Maomé e dos gentios); por fim, explica sobre as sete artes liberais e sobre matérias diversas.

Reservamo-nos a entender melhor os dois últimos capítulos de sua obra, onde Ramon Llull inicia o capítulo das sete artes liberais explicando ao filho o que são as artes da gramática, da lógica e da retórica:

[...] Gramática é falar e escrever retamente. Por isso, ela é eleita para ser linguagem comum às gentes, que pela distância das terras e da comunicação possuem linguagens variadas. [...] Quando tiveres aprendido Gramática neste livro, aprende-a depois no *Livro de Definições e de Questões* para que depois adquiras as outras ciências. [...] a Lógica é a demonstração das coisas verdadeiras e falsas, pela qual o homem sabe falar retamente e sofisticadamente [...] Através da Lógica saberás começar, sustentar e concluir o que disseres [...] A Retórica mostra como o homem deve falar, quais palavras deve dizer primeiramente, quais deve dizer no fim e quais no meio, e através da Retórica as palavras que são longas parecem breves (LLULL, 2010, p. 58).

Deste modo, Llull explica a Domingos cada uma das artes liberais. Na sequência, explica-lhe sobre a geometria, aritmética, música e astronomia. Segundo Ramon, depois de aprender as sete artes liberais, ele julga que o filho está pronto para entender as ciências, então lhe apresenta à teologia, o direito, as ciências da natureza, a medicina e as artes mecânicas. Ao explicar-lhe sobre as artes mecânicas Llull orienta o filho para que ele entenda que “A mais segura riqueza é enriquecer seu filho com algum ofício que lhe dar dinheiro e posses, pois todas as outras riquezas desamparam o homem que não tem ofício. Logo, filho, eu te

aconselho que aprendas algum ofício o qual possas viver se precisares” (LLULL, 2010, p. 66).

Após explicar as ciências, Ramon prossegue e ensina ao filho sobre as matérias diversas, ou seja, explica-lhe sobre a organização social, sobre os deveres do homem, sobre a moral. Inicia sua exposição explicando ao filho o que são e o que fazem os príncipes; quais seus ofícios; como devem se comportar; o que devem fazer para honrar tal cargo, entre outras coisas. Depois, explica sobre os clérigos, a religião, a maneira como os infiéis podem ser convertidos, a oração, a alma, o corpo humano, a vida corporal, a morte, a hipocrisia e a vanglória, a tentação, a maneira como educar um filho, o movimento racional, os costumes, os quatro elementos, os acontecimentos e a sorte, o anticristo, as sete idades nas quais o mundo está dividido, os anjos, o inferno e por fim o paraíso.

Quando Llull explica a Domingos sobre como educar um filho ele lhe orienta a seguir determinadas regras e se portar de determinadas maneiras como pai. Explica que os pais devem ter cuidado com as crianças, devem prestar atenção e saber alimentá-las, vesti-las, cuida-las e também devem primar pela educação moral e intelectual dos filhos:

Desejas educar bem teu filho? Acostuma sua memória e seu entendimento a cogitarem nobres feitos para que a vontade ame a companhia de bons homens. E desejes educar o entendimento de teu filho para ser exaltado e elevar seu entendimento? Mostra-lhe a ciência divina e a natural. E desejas que ele tenha um elevado entendimento para entender sutilmente? Mostra-lhe a *Arte de encontrar a verdade* e o *Livro de definições, princípios e de questões*. E desejas que teu filho ame muito a Deus? Faz-lhe lembrar e entender a vileza deste mundo e a bondade, a eternidade, o poder, a sabedoria, o amor e as outras virtudes de Deus (LLULL, 2010, p. 80).

Na construção de sua obra Llull orienta Domingos a cumprir uma ordem sua para que assim possa educar bem seus futuros filhos. Deste modo, ele lhe apresenta que primeiro deve-se conhecer a Deus e a Igreja, para que, quando tiver idade suficiente, a criança entenda as artes liberais (que são a base para que desenvolva sua mente e compreenda as ciências), depois, entenda as ciências (que por sua vez, são a base para compreender as diversas matérias), e assim consiga compreender as diversas matérias que compõem a moral do homem. Depois de entender esse movimento, ele é capaz de compreender a salvação e alcançar o

paraíso. Ou seja, a finalidade da educação não está nela mesma, mas sim, na salvação da alma.

Considerações finais

Em nosso trabalho mostramos que a Igreja contribuiu para o desenvolvimento do pensamento racional e científico ao aceitar a ideia fundamental de que o mundo é ordenado e todas as coisas devem se desenvolver mantendo a ordem naturalmente estabelecida por Deus; que a Igreja contribuiu para o surgimento de várias ciências, como a matemática e a arte, fundou as noções de direito humano ao reprovando ações que violavam a dignidade do homem e o afastavam do bem; estabeleceu uma importância à preservação do conhecimento e desenvolvimento da sabedoria, fundando as escolas e as universidades.

Portanto, ao contrário das afirmações iluministas, a Igreja não retirou da população o saber e a luz do intelecto, abandonando-a no medo e na superstição. Ao contrário, a Igreja, durante a Idade Média, dava à população a possibilidade do abandono da ignorância, sem se importar com o poder monetário das pessoas, pois diversos são os exemplos de pobres que ajudados pelos mosteiros tornaram-se grandes intelectuais de seus tempos.

Sintonizado com esse universo cultural rico e propício para o desenvolvimento humano, encontramos Ramon Llull, um filósofo cujas obras se encontram em consonância com as produções medievais.

Particularmente em sua obra *Doutrina Para Crianças*, Ramon Llull nos ajudou a perceber sua relação afetuosa e compreensível com seu filho Domingos, o qual escreveu “Amável filho, a ti convém considerar e pensar todas as coisas acima ditas, de tal modo que faças neste mundo obras que sejam agradáveis aos santos de glória e ao teu Deus” (LLULL, 2010, p. 8).

Outro aspecto importante que pudemos notar na análise da obra *Doutrina Para Crianças* é que a linguagem utilizada por Llull é de fácil compreensão, ou seja, o modo como escreve foi voltado a um universo imaginário infantilizado, onde a narrativa é mais simples, para melhor entendimento por parte da criança.

Nossos estudos sobre a obra *Doutrina Para Crianças* nos permitiram enxergar que Ramon Llull buscava a perfeição em sua arte e, por isso, foi um incansável

intelectual. Ao levarmos esses aspectos a cabo, consideramos que representaria um prejuízo histórico analisar a educação medieval sem ao menos entender um pouco esse sábio, pois sua obra caracteriza-se por uma importante referência para o tema.

Referências

COSTA, Ricardo da. A ciência no Pensamento Especulativo Medieval. **Sinais – Revista Eletrônica**, Vitória, v. 1, n. 5, p.132-144, 2009.

_____. A Educação na Idade Média A Retórica Nova (1301) de Ramon Llull. **Notandum**, São Paulo, v. 1, n. 16, p.29-38, 2008. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand16/ricardo.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

_____. As múltiplas Idades Médias de Jacques Le Goff (1924 - 2014). **Brathair** v. 16, n. 2, p.303-314, jun/dez, 2016. Disponível em: <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1267/995>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. **Sinais – Revista Eletrônica**. Vitória, v. 1, n. 2, p.02-15, out. 2007.

COSTA, Ricardo da; SANTOS, Bento Silva. **História da Filosofia Medieval**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2015.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada: Da Renascença ao Século Das Luzes**. Tradução: Hildegard Feist. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 305-318.

HEERS, Jacques. **História Medieval**. Tradução: Tereza Aline Pereira de Queiroz. 3. ed. São Paulo: Difel, 1981.

LLULL, Ramon. **Doutrina Para Crianças**. Tradução: Ricardo da Costa. Santa Bárbara: IVITRA, 2010. Porto: Marfil, 2010.

PERNOUD, Régine. **LUZ SOBRE A IDADE MÉDIA**. 1 ed. Portugal: Europa-América PT, 1997.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. 1. ed. São Paulo: Edusc, 1997.

VON MISES, Ludwig. Os Problemas Epistemológicos da Ciência da Ação Humana. In:_____. **Ação Humana Um Tratado de Economia**. Tradução: Donald Stewart Jr. 3 ed. São Paulo: Mises Brasil, 2010. Cap. 2. p. 57-99. Disponível em: <<http://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/acao-humana.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

WOODS, Thomas E. **Como a igreja católica construiu a civilização ocidental**. Tradução: Élcio Carillo. 5 ed. São Paulo: Quadrante, 2012.